



## **“PARA INGLÊS VER”? ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DO RIO DE JANEIRO**

Nathália da Silva de Oliveira<sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa tem como foco de análise o Programa Rio Criança Global (PRCG) criado, em 2009, pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ) em “parceria” com o curso de idiomas Cultura Inglesa, uma instituição que oferece serviços privados. Nesta parceria entre setor público e privado, a Cultura Inglesa responde pela seleção de professores em concurso público, pelo acompanhamento pedagógico (“revitalizações”) dos docentes e pelo material didático utilizado nas escolas, apesar de a SME/RJ receber as coleções didáticas compradas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Desta forma, esta pesquisa buscou responder às seguintes questões: Como se faz possível dentro de uma rede pública a presença de um programa estabelecido em associação com um curso de idiomas privado? O PRCG contempla princípios e práticas pedagógicas previstos na legislação educacional brasileira? A coleção didática *Interaction ED* (Manual do professor e Livro do aluno) contempla as exigências do PNLD, especificamente o PNLD Língua estrangeira - anos finais do Ensino Fundamental?

A partir dessas perguntas que nortearam nossa análise, foram nossos objetivos: (a) reunir informações acerca do contexto em que se insere o PRCG; (b) conhecer os textos legais que dão sustentação ao programa; (c) verificar como o PRCG se adequa a princípios e práticas pedagógicas garantidas na legislação educacional brasileira em vigor; (d) analisar a partir de critérios estabelecidos pelo PNLD o Manual do professor e (e) identificar, do ponto de vista discursivo-enunciativo, como se estabelece a interação enunciativa do livro didático (LD) e coenunciadores professor e aluno na coleção *Interaction ED*.

Como profissionais da área da educação atuantes na escola básica pública, cabe-nos refletir e buscar interferir, por meio de pesquisas com vistas a contribuir cada vez mais com a qualidade desse ensino, assim como resguardar o que prescreve a legislação educacional brasileira.

### **CONCEITOS NORTEADORES E METODOLOGIA DE PESQUISA**

Nossa vinculação acadêmica considera saberes diversos, escolhas feitas pelo pesquisador. Na área dos estudos da linguagem, recorre a pressupostos teóricos da Análise do Discurso de base enunciativa e às categorias de prática discursiva (FOUCAULT 2014a, 2014b; MAINGUENEAU, 1997, 2008a, 2008b) e cenografia discursiva (MAINGUENEAU, 1997, 2008a, 2008b).

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem pela UFF, bolsista CAPES e professora de inglês na Secretaria Municipal do Rio de Janeiro (SME/RJ) e na Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC/RJ).



Recorreremos à noção de prática discursiva (FOUCAULT, 2014a; MAINGUENEAU, 1997) e à compreensão de que o enunciado “é sempre um acontecimento que nem a língua, nem o sentido podem esgotar inteiramente (FOUCAULT, 2014a, p.34). Para Maingueneau não é possível pensar que o funcionamento de uma sociedade seja exterior à produção de seu discurso. Deste modo, o autor define o conceito de prática discursiva e afirma que uma atividade discursiva possui duas faces: a social e a textual.

De acordo com Daher (2014), a linguagem integra o conjunto das práticas sociais tornando-as possíveis, e fazendo-se possível ao mesmo tempo a partir delas. A autora afirma, ainda, que esta constituição situa-se no limite e não no interior do discurso, “já que qualquer enunciado, intrinsecamente, carrega as marcas de sua possibilidade de existência, considera não a língua que o discurso utiliza não as circunstâncias em que ele se envolve, mas o próprio discurso enquanto prática” (DAHER, 2014, p. 309). Ressaltamos que os textos analisados neste trabalho seguem essa perspectiva, uma vez que entendemos que a prática discursiva se estabelece na relação entre textos que são veiculados por uma sociedade.

Em Maingueneau, a cena de enunciação envolve três níveis, a saber: cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante corresponde ao tipo de discurso, como exemplo, o autor fala sobre os panfletos que recebemos nas ruas e afirma que somos capazes de determinar se se trata de um discurso político, publicitário ou religioso. No entanto, a cena englobante é insuficiente para “especificar as atividades discursivas nas quais se encontram engajados os sujeitos. Vemo-nos confrontados com gêneros de discurso particulares, com rituais sociolinguageiros que definem várias *cenos genéricas*” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 116). Para o autor, a cenografia não é imposta pelo tipo ou gênero de discurso, ela se institui pelo próprio discurso. A partir dessas reflexões, Souza-e-Silva e Rocha (2012), asseveram que a cenografia se constrói na/pela enunciação, “através da “invenção” de um enunciador, um coenunciador, um lugar e um momento que, por sua vez, legitimam a instância mesma que os traz à luz e indicam um determinado posicionamento” (SOUZA-E-SILVA; ROCHA, 2012, p. 34).

De acordo com Daher, a cenografia é entendida como “situação de enunciação que legitima cada discurso a partir da reunião de uma determinada locução discursiva, uma cronografia e uma topografia” (DAHER, 2000, p. 87), ou seja, todo texto implica na construção de uma forma de interação, a partir da articulação entre: EU <=> TU – AQUI – AGORA 26. A autora afirma que o enunciado, enquanto produto de uma enunciação, “carrega referências desse EU que se dirige a um TU (locução discursiva) ancorado num lugar (topografia) e num tempo (cronografia)” (DAHER, 2000, p. 87). Essas categorias de análise são importantes para nossa análise, pois possibilitaram identificar, do ponto de vista discursivo-enunciativo, como se estabelece a interação entre o enunciador do LD e os coenunciadores professor e aluno na coleção *Interaction ED*.

O Programa Rio Criança Global é o centro de nossas investigações e durante o caminho percorrido na análise reunimos textos heterogêneos que circulam em diferentes esferas. Levando em consideração a necessidade de recorte para a análise, decidimos trabalhar a partir do manual do



professor que apresenta introdução comum a todos os livros dessa coleção, os planos de aula e as atividades referentes ao capítulo 1 do livro *Interaction ED 1* (6º ano) e o capítulo final do livro *Interaction ED 8* (9º ano). Justificamos a escolha do material didático pelo trabalho desenvolvido pela pesquisadora nos anos finais do ensino fundamental. Escolhemos analisar essas materialidades, a fim de observarmos como se estabelece a interação entre o enunciador do LD e os seus coenunciadores, entendendo que estes são professores e alunos do PRCG, uma vez que as Orientações Curriculares de Língua Inglesa (2012), afirmam que o material didático adotado foi “especialmente adaptado para o uso dos/as alunos/as das escolas municipais”. Também é nosso objetivo verificar de que forma a coleção utilizada no PRCG dialoga com as exigências de uma obra aprovada pelo PNLD, para tanto, analisamos esse material a partir dos critérios de avaliação estabelecidos pelo edital 2017 do PNLD, visto ser este um programa de âmbito nacional.

## ANÁLISE DO CORPUS

Neste artigo, destacamos um fragmento de nosso *corpus* a fim de mostrar como ocorre a interação entre o enunciador do LD e seu coenunciador, o professor. Cabe ressaltar ainda, que o manual do professor analisado em nosso trabalho apresenta uma introdução na qual se descrevem os princípios e componentes da série. Além disso, apresenta as atividades contidas no livro dos alunos e um plano de aula “sugerido”.

Figura 1: *Interaction ED 1* – página 2

**LESSON 1A – WEEK 2**

<b>Habilidades desenvolvidas</b>	
Habilidade comunicativa	Dar informações pessoais.
Habilidade de leitura	HL4 – Localizar informações relevantes no texto para completar uma tarefa ou solucionar um problema.
Tema transversal / Habilidade para a vida	Pluralidade cultural: aprender sobre países e nacionalidades.
<b>Conteúdo linguístico</b>	
Gramática	Pronouns (singular) + be
Vocabulário	Countries: Australia, Brazil, Chile, Germany, Mexico, South Africa, the UK, the USA

**PLANO DE AULA SUGERIDO**

**VOCABULARY**

**W2 VOCABULARY presentation SB activity 1**

- Use a atividade para ensinar os nomes dos países em inglês.
- Toque o áudio para praticar a pronúncia dos países.

**Nota Cultural**

O Reino Unido, conhecido como The United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland ou mais simplesmente como United Kingdom, UK ou Britain, é a monarquia que compreende quatro países: a Inglaterra (England), a Escócia (Scotland), o País de Gales (Wales) e a Irlanda do Norte (Northern Ireland). Você e seus alunos devem ter ouvido falar também sobre a Grã-Bretanha (Great Britain), que se refere somente à ilha, excluindo, portanto, a Irlanda do Norte.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Reino Unido>

**W2 VOCABULARY practice**

- Use a atividade para praticar os nomes dos países em inglês.

**RS** Mostre o texto com as respostas na tela. Depois chame a atenção dos alunos para a caixinha post-it e mostre a eles as abreviações do nome de dois países (the USA = the United States of America, the UK = the United Kingdom).

**Glossário**

epal – amigo virtual com o qual se comunica via internet (palavra oriunda de pal, um sinônimo informal de amigo); to register – inscrever-se

**Leia mais**

Existem vários sites reais similares ao Global epals. Um deles é o ePal. Se você quiser saber mais sobre o site, seu funcionamento e sua proposta basta acessar o site do projeto: <http://www.epals.com>

**VIEWPOINTS**

**Habilidade para a vida:** Pluralidade cultural: aprender sobre países e nacionalidades.

**SB activity 3**

- Leia as perguntas com os alunos.
- Em pares, os alunos discutem as perguntas.
- Alguns voluntários respondem às perguntas oralmente.



No fragmento destacado do plano de aula, o enunciador do LD dá instruções ao professor, que contradizem a afirmação de que são apenas sugestões. Desconsidera ainda, os preceitos dos PCN-LE que defendem a autonomia dos professores e alunos em sala de aula.

Segundo a legislação e os documentos norteadores, a mediação do ensino cabe ao professor expandindo uma concepção de que ele seja mero reproduzidor de conteúdo e detentor de saber. O plano de aula inclui também um glossário com o vocabulário pertinente à lição, acompanhado da tradução em português. Esse tipo de apoio corrobora para um entendimento de que o professor não está preparado para exercer seu trabalho, contradizendo o exposto no texto do edital do concurso realizado em 2010. Segundo esse documento, uma das atribuições para o cargo de professor de inglês, é de que o profissional deve ser capaz de “planejar suas atividades como regente de turma, visando a um bom desenvolvimento funcional” (EDITAL SMA Nº 21, DE 08 DE MARÇO DE 2010, p. 1). Desse modo, é possível dizer que para o PRCG o professor é um mero instrutor.

Esse modo de organização, analisado por um viés discursivo, nos permite afirmar que o enunciador se posiciona frente ao seu coenunciador previsto de forma autoritária. Isso se verifica pela ausência de marcas de pessoas 1ª pessoa, que impõe um distanciamento para com seu coenunciador. Em contrapartida, esse coenunciador professor aparece recorrentemente marcado nas desinências verbais da seguinte forma: “Use as atividades para ensinar o nome dos países em inglês”, “Toque o áudio para praticar a pronúncia dos países”, “Mostre o texto com as respostas na tela”. A conjugação dos verbos destacados em 2ª pessoa do modo imperativo, caracteriza um discurso de autoridade desse enunciador (use, toque, leia, mostre, peça, chame, etc). O enunciador se dirige a seu coenunciador recorrendo ao uso da modalidade deôntica. Segundo Mainueneau (2013), todo enunciado possui marcas de modalidade que “indicam a atitude do enunciador em relação ao seu enunciado ou a seu coenunciador” (MAINGUENEAU, 2013, p. 128). O enunciador pode posicionar-se discursivamente, por exemplo, exprimindo juízo de valor positivo ou negativo, com valor de certeza (modalidade apreciativa), expressando verdade ou falsidade referente ao conteúdo presente na enunciação (modalidade epistêmica) ou exprimindo valores de obrigação e de permissão (modalidade deôntica).

A locução discursiva se estabelece a partir de um enunciador que se inscreve como autoridade em ensino de LE e que se dirige ao coenunciador de forma impositiva. Ou seja, o enunciador do LD regula as possibilidades de dizer dos coenunciadores professor e aluno.

Finalmente, a análise indica que a interação entre o enunciador do LD e os coenunciadores professor e aluno se estabelece de forma de impositiva, por meio da modalidade deôntica. Nesta enunciação, o EU se dirige a um TU sob a forma de imperativo, determinando como o professor deve agir em sala de aula. A cena construída na/pela enunciação assemelha-se à de um curso de idiomas, onde não se conta muitas vezes com um professor e sim instrutor, o que não é possível em uma sala de aula de LE da escola pública. Por meio das análises foi possível notar que o papel do professor no PRCG é quase nulo ou inexistente. A imagem construída é de um profissional passivo e incapaz de gerir sua própria sala de aula, o seu trabalho. Por trás dos discursos de “qualidade” na Educação e de



igualização das diferenças, nos deparamos com o controle das práticas docentes e um ensino afastado do que se espera na Educação Básica.

Como pesquisadora, mas principalmente, como professora de inglês inserida no PRCG, considero que as reflexões feitas neste trabalho não se encerram aqui. Há um longo caminho pela frente para aqueles que lutam por uma educação pública digna, crítica e de qualidade. Nesse sentido, consideramos que este trabalho contribui para o âmbito escolar à medida em que busca dar visibilidade à importância do papel do professor, profissional que vem sendo desvalorizado ao longo dos anos. Mas, que não Teme(r) o futuro, pois acredita em uma Educação digna e de qualidade. No campo da Educação, a autoridade cabe a aqueles que integram essa comunidade escolar e não deve ser ocupado por outros interesses que não os da escola: já há internamente ao campo diversidade de posicionamentos teóricos que se constituem, porém são interesses que pensam a escola em relação à sociedade e não desconsiderando-a. Desta forma, esperamos contribuir também para a divulgação do que vem acontecendo no ensino público de forma geral, e especificamente, nas escolas municipais cariocas: um ensino de LE “para inglês ver”.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei n. 9.394 de 20 dez.1996.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias – conhecimentos de línguas estrangeiras*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. Edital de Convocação 02/2015 - CGPLI - PNLD 2017. Disponível em <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-editais/item/6228-edital-pnld-2017>

BOYCE, P. *Interaction ED 1: teacher's book*. Rio de Janeiro: Learning Factory, 2011.

DAHER, D. *Discursos presidenciais de 1o de maio: a trajetória de uma prática discursiva*.

(Tese de Doutorado em Linguística Aplicada ao ensino de línguas). PUC-SP: 2000.

\_\_\_\_\_. *Um exame de prática discursiva do trabalho de seleção de professores de línguas estrangeiras para o sistema público de ensino básico*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v.49, n.3, 2014.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. Nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2014b.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas/SP: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Cenas da Enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos Discursos*. São Paulo: Parábola, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2013.